

REGISTROS DE IMPRENSA

ENSINO SUPERIOR (ACESSO)/PASSAGEM A VIDA ACTIVA/OPINIAO

JOVENS DO 12.º ANO

As dificuldades de entrar na «vida activa»

Um inquérito lançado em 1985 aos alunos saídos do 12.º ano — via de ensino — no ano lectivo de 1982/83 e que, ou não se candidataram ao Ensino Superior ou tendo-o feito não obtiveram colocação, foi publicado ainda recentemente pelo Gabinete de Estudos e Planeamento do Ministério da Educação no âmbito do que é designado como «observatório de entradas na vida activa».

Particularmente agora, que está na ordem do dia o problema do acesso ao Ensino Superior, alguns elementos constantes desse estudo e algumas conclusões dele extraídas, dão realmente que pensar.

António Filipe

O número de jovens situados no âmbito da observação do inquérito era de 14 197, tendo sido recebidas, ao longo de várias etapas, 6033 respostas ao inquérito efectuado. Como síntese conclusiva, destacamos os seus autores onze aspectos relevantes, de que passamos a dar conta:

Primeiro: «São os jovens provenientes de classes sociais mais baixas que maior dificuldade revelam no acesso ao Ensino Superior. São também estes os que manifestam menor expectativa de ingresso naquele nível de ensino.»

Segundo: «O insucesso escolar é dominante nos jovens provenientes do sector agrícola enquanto os filhos de quadros técnicos superiores têm o índice de insucesso mais baixo.»

Terceiro: «Poucos são os jovens que recorrem à orientação escolar e profissional. A escola é a entidade privilegiada, ainda que alguns recorram simultaneamente a outras entidades.»

Refira-se neste ponto o facto de hoje em dia, dado o surto de apêtes de formação profissional a que assistimos desde 1985, tal

concluiu-se encontrar porventura desactualizada. Para muitos jovens saídos do 12.º ano nos tempos mais recentes a formação profissional tem significado um escape para situações de desemprego e uma expectativa de emprego, que no momento do inquérito não se verificava.

Desemprego mais preocupado

Quarto: «O desemprego é mais preocupado entre jovens do que nos jovens em geral — é maior a taxa de desemprego e mais longo o tempo de procura de emprego, sendo a situação particularmente grave para as raparigas.»

Refira-se a este propósito que segundo dados do INE reportados ao momento do inquérito existe uma taxa de desemprego juvenil da ordem dos 21% que, no caso dos jovens com o 12.º ano secundário é 35,9%. No que se refere à forma de ocupação dos jovens à espera de ingresso no ensino superior, revela o inquérito como situação mais frequente a ocupação em pequenos trabalhos remunerados (35%), ou em tirar um curso (32,9%), sendo esta forma de ocupação mais elevada entre as raparigas (48,2%).

Quinto: «São sobretudo os jo-

vens que no 11.º ano optaram por estudos humanísticos que mais se encontram desempregados. Escobrem esta área sobretudo as raparigas e os filhos de operários.»

Além, verificando os dados referentes à situação profissional dos jovens empregados, depara-se com a persistência das situações sociais de origem. «São sobretudo os filhos de quadros e técnicos superiores que aparecem profissões distintas, os filhos de pequenos comerciantes que trabalham no comércio e os filhos dos operários que se dedicam a trabalhos de indústria.»

Sexto: «Alguns dos jovens que jovens estão empregados e estão a maior parte (47%) empregados antes de concluir o 12.º ano. A maioria trabalha no sector terciário e mais de metade tem profissão administrativa.»

Sétimo: «A maioria desses jovens no momento do inquérito tinha um nível de qualificação muito baixo, tendo-se a par o nível de habilitações adquiridas.»

12.º anos irrelevantes

A este respeito importa acrescentar mais alguns dados complementares. O resultado do 12.º ano não tem influência na inserção dos jovens: «O desemprego entre os aprovados (22,7%) é superior ao desemprego entre o conjunto das respostas mais os desistências (17,2%). Por outro lado, a situação profissional dos jovens do 12.º ano «assemelha-se à dos jovens que nunca passaram a escolaridade obrigatória de 6 anos» (na altura). Com efeito «cerca de 30% dos inquiridos desempregados tinham uma qualificação de habilitações no inferior ou igual ao ensino secundário unificado.»

Oitavo: «A maior parte dos jovens empregados recebe um sa-

lário inferior a 30 mil escudos. De entre os que recebem salários mais baixos encontram-se os que exerciam profissões de comércio e vendedores.»

Embora este valor não corresponda exactamente à situação actual passados estes de três anos sobre a realização do inquérito, permite ao menos ter uma ideia aproximada dos níveis salariais

existentes. Refira-se ainda que 35,8% dos jovens inquiridos se situavam no escalão entre os 20 000 e os 30 000 escudos (escala mais frequente), 18% recebiam salários abaixo dos 20 000 escudos e apenas 16% auferiam remuneração acima dos 40 000 escudos.

Nono: «Os jovens empregados repartem-se equitativamente entre o contrato permanente e tem-

porário. Nas raparigas a precariedade no emprego é mais acentuada.»

Refira-se ainda que o vínculo contratual detectado entre os jovens inquiridos era em grande parte dos casos, temporário (41,6%), percentagem quase igual à dos que possuíam contrato permanente (46,3%).

Conhecimentos pessoais

Décimo: «O modo de obtenção de emprego foi diferente para os jovens empregados em grandes e em pequenas e médias empresas. Enquanto os primeiros conseguiram emprego sobretudo mediante inscrição na empresa os últimos conseguiram-no preferencialmente devido a conhecimentos pessoais. Além, 40% dos jovens declararam ter encontrado emprego por esta última via: conhecimentos pessoais. Enquanto, por exemplo, apenas 1,2% o conseguiram através de centros de emprego.»

Por último: «Os jovens que para além do 12.º ano fizeram um curso de formação profissional tiveram maior facilidade em conseguir emprego». Não obstante, mesmo os jovens possuidores destes cursos concluíam que entre os maiores obstáculos na procura de emprego estavam a «falta de experiência e de formação profissional».

A situação detectada por este inquérito está longe de estar ultrapassada. Os seus dados mantêm geral actualidade e constituem um elemento importante de avaliação da situação de uma camada juvenil sobre a qual pouco se sabe e pouco se diz, e que sofre as consequências de graves estrangulamentos sociais no acesso ao emprego e ao acesso ao ensino, o que explica que, de entre os jovens inquiridos, 76,8% tenham declarado nunca ter encontrado um emprego, o que, sabendo-se as condições existentes de oferta de emprego se torna por demais revelador.

Pensado de trabalho